

A PRESENTAÇÃO

A emergência do Estado-Nação nas sociedades modernas, a partir do sec.xix, coloca em cena, notadamente, relações igualitárias, em termos de compromissos com o Estado para com os cidadãos e dos cidadãos para como o Estado, devendo tais relações caracterizar o bom funcionamento da *res pública* e a busca de um maior equilíbrio social entre os diferentes setores, atendendo às necessidades coletivas.

A partir desta ótica, o exercício da democracia não pode ser reduzido ao exercício da política com fins meramente imediatistas e que visem a privilegiar um determinado conjunto de instituições em detrimento de outras. Este não pode estar apartado ou acima da sociedade civil e necessita, fundamentalmente, pautar-se por deliberações equânimes, configurando-se como governabilidade para todos, sem distinções étnicas, religiosas ou lingüísticas.

No entanto, os regimes de feição totalitária ao colocarem o poder de Estado acima dos interesses públicos, da sociedade, passam a violar a democracia, tanto da perspectiva jurídica como política, colocando as ações do Estado a serviço de interesses hegemônicos de determinados segmentos da sociedade em detrimento de outros, abolindo, portanto, as práticas de representatividade dos interesses da sociedade e, por fim, dando lugar à naturalização de políticas corporativas como a implementação de leis independentes da aprovação das Câmaras, Senados, deliberações institucionais que não atendem ao bem estar social e diferentes modalidades de práticas de violência como a intolerância às minorias, o racismo, a xenofobia, a exploração do trabalho de menores e dos refugiados de países pobres e em guerra, o feminicídio, o tráfico de armamentos, entre outras, e que vêm a contribuir com o processo de destruição da própria sociedade, desmantelando, em última instância, o Estado de Direito.

Pautado na relevância destes temas, o número 22 da Revista *Conexão Letras* busca refletir, ao longo da História e na modernidade, sobre os efeitos de práticas políticas e discursos totalitários, abarcando, ao mesmo tempo, um leque de questões como as políticas lingüísticas e o exercício da xenofobia, as políticas de manipulação de massas, o exercício do fascismo, do nazismo e as influências de políticas totalitárias de Estado de umas nações sobre outras.

O texto “Le Siècle des Totalitarismes: éléments d’histoire conceptuelle et polémique”, de Marc Angenot, reflete em torno das diferentes acepções atribuídas à noção de totalitarismo que, embora considerada uma categoria fundamental para definir o século xx, tem sido objeto de inúmeras controvérsias e de “diálogos de surdos” conforme as considerações feitas pelo autor. Com base em uma retomada do percurso e na investigação de transformações sofridas pelo termo, Angenot submete esta noção a um estudo semântico-histórico.

“A Língua Moldava Nomeia o Quê?” de Patrick Sériot, explora as querelas entre os povos moldavo e romeno em torno do território e da língua em uma disputa política ao longo da história. Iniciando por uma retomada das disputas a partir de concepções de identidade nacional, de nação e de povo, o autor reflete acerca das políticas lingüísticas e dos discursos sobre a língua, envolvendo a questão onomástica na Europa oriental.

Em “Possíveis Leituras de “Foi Propaganda Mesmo Que Você Disse?” de Michel Pêcheux, Ana Zandwais investiga as condições históricas em que o termo propaganda é empregado, no início do sec. xx, nos contextos dos Estados Unidos, da Rússia e do Oeste Europeu, visando a refletir sobre os meios e os fins que determinam a produção da “propaganda” em diferentes regimes econômicos e políticos.

O texto “A Crise Estrutural do Capitalismo e o Internacionalismo” de Belmira Magalhães aborda a questão das contradições presentes na lógica do capitalismo e suas consequências em termos de estratégias de manutenção de uma lógica própria para o capital, materializadas por meio de medidas implantadas pelo Estado e de mudanças estruturais a serem instituídas na sociedade, à revelia da compreensão desta lógica pelas classes produtoras dos bens de produção.

“O Ensino de Texto Nos Anos de 1970 No Brasil: das teorias lingüístico-cognitivas como políticas lingüísticas” de Luciano Novaes Vidon busca refletir sobre as condições através das quais concepções estruturalistas, formalistas e funcionalistas reverberaram nas políticas lingüísticas do país, durante os anos 1970 e início de 1980, dominando em termos de propostas apresentadas nos manuais e livros didáticos de Língua Portuguesa.

O texto “Brasil: ame-o ou deixe-o”: a produção de sentidos do discurso totalitário”, de Marlete S. Diedrich, busca, através de relações dialógicas entre a materialidade lingüística da vinheta acima, divulgada na Rede SBT, analisar as relações de poder e os sentidos que se tornam dominantes a partir da circulação deste slogan durante o período do regime militar.

“Discursos meia-oito e o dialogismo em movimentos” de Elmo Santos trata da questão da polêmica a partir de uma reflexão em torno de movimentos sociais e manifestações públicas promovidas durante o ano de 1968 no contexto brasileiro. O autor utiliza, notadamente, dentre os materiais selecionados, narrativas do romance “Lili Passeata” do escritor baiano Guido Guerra, publicado em 1978.

No gênero resenha, Caroline Adriana Mendes Burach apresenta “Da Palavra ao Gesto” de Claudine Haroche, que reflete em torno de alguns objetos negligenciados pela Ciência Política, tais como as noções de civilidade e polidez. Burach traz à leitura também outras noções analisadas por Haroche: as relações antropológicas e políticas entre governo de si e governo dos outros, bem como reflexões sobre modos de regular gestos e posturas, controlando, desta forma, a ordem dos corpos.

Marcelo Lima Calixto apresenta “Análise de Texto – Procedimentos, Análises, Ensino” de Eduardo Guimarães, em que o autor, a partir da condição de semanticista, expõe os fundamentos com os quais propõe uma concepção semântico-enunciativa de texto, caracterizando, ao mesmo tempo, os procedimentos analíticos que irão nortear os textos analisados.

Por fim, queremos agradecer a todos que colaboraram com suas pesquisas para a elaboração deste número da Revista: à colega Florence Carboni que colaborou na tradução e revisão do artigo “A Língua Moldava Nomeia o Quê?”, aos discentes José Gilmar Taufer, Julia Martins e Alexia Pokorski por colaborarem na tradução e com a revisão final dos artigos publicados.

*Ana Zandwais
Jane Tutikian
Organizadoras*